



CORPO E IDENTIDADE EM *INFÂNCIA* DE GRACILIANO RAMOS

Fan Xing (UNICAMP)

RESUMO: No presente trabalho busca-se esclarecer, dentro dos limites dos estudos autobiográficos, a questão de corpo e identidade em *Infância* de Graciliano Ramos, com objetivo de realçar a importância do corpo no processo da construção de uma identidade tipicamente infantil. Sob esta perspectiva, mostra-se que, além dos castigos aplicados pelos pais e professores, que imprimem no corpo (bem como no espírito e na memória) da criança a marca de dor e sofrimento, a identidade do menino-Graciliano também é ligada com outros aspectos relacionados com o corpo, nomeadamente: o corpo doente, o corpo como referência de medi das e o desenvolvimento corporal. Assim, espera-se comprovar que Graciliano Ramos subverte parcialmente a subjetividade cartesiana de “penso, logo existo” e reconhece o corpo como uma base indispensável da existência do si mesmo. Dessa maneira, *Infância* pode ser considerada uma obra excepcional em dois sentidos: porque é uma das poucas autobiografias que realmente prestam atenção ao próprio corpo do autor, e porque, através das sensações corporais e intuitivas, consegue recuperar a visão infantil e representar a infância de uma forma mais verossímil e profunda.

Palavras-chave: Corpo. Identidade. Autobiografia. Graciliano Ramos.

Nas últimas décadas, a representação do corpo na literatura ganha cada vez mais atenção dos críticos. Tanto os estudos de gênero quanto as discussões bioéticas e biopolíticas reconhecem a importância da corporeidade e buscam discutir o valor do corpo na construção da identidade, especialmente nos termos sociais, culturais e coletivas. Por outro lado, o reconhecimento por parte dos pesquisadores também estimula mais escritores a abordarem este aspecto, especificando diferentes tipos de corpos, nomeadamente o corpo confinado, o torturado, o feminino, entre outros.

Entretanto, ao passo que muitos trabalhos tentam relacionar o corpo com identidade social/cultural, poucos o tratam na dimensão individual e existencial. Daí não obstante que o corpo se sirva de um elemento fundamental nos livros de memórias, que visam testemunhar os acontecimentos coletivos, históricos e objetivos, observa-se,



até certo ponto, a ausência dele nas autobiografias *stricto sensu*¹, que se preocupam mais com a subjetividade e o si mesmo.

Nesse sentido, *Infância* de Graciliano Ramos constitui-se uma autobiografia excepcional, pois não só dá importância ao corpo do eu -menino, mas também adota uma visão subjetiva e intuitiva, para além de representar uma identidade tipicamente infantil. Em vista disso, neste trabalho pretendo analisar as representações do corpo em *Infância* no limiar dos estudos autobiográficos, esclarecendo como o corpo é essencial no processo da construção da imagem do escritor -protagonista nesta obra, a fim de mostrar a continuidade bem como a transformação do si mesmo.

A “ausência” do corpo na autobiografia

Em primeiro lugar, deve-se salientar que não é novidade a relutância do corpo nas autobiografias convencionais. Em “Figuration and Disfigurement: Herculine Barbin and the Autobiography of the Body”, Roger J. Porter já indica claramente (1991, p.122):

Throughout the history of autobiography, writers have emphasized their beliefs and thoughts far more than their physical natures. Even Rousseau, whose candor about his corporeal existence radically undermined existing standards of autobiographical decorum, subordinate descriptions of bodily function to his predominant concern – his relation to society.

Shirley Neuman (1994, p. 293) também afirma que “Bodies rarely figure in autobiography”, apontando que mesmo as estrelas de cinema – os ídolos de corpo ideal – tendem a minimizar nas suas autobiografias o significado dos seus corpos para suas vidas pessoais e profissionais. Segundo Neuman, há várias razões dessa “quase obliteração” do corpo na autobiografia, entre as quais a principal é a tradição platônica

¹ Utilizo aqui a definição de Philippe Lejeune, isto é uma autobiografia deve satisfazer as seguintes condições: a forma de linguagem é narrativa, em prosa; o assunto tratado é vida individual e história de uma personalidade; a identidade do autor conforma com a do narrador e do protagonista; e é necessário assumir uma perspectiva retrospectiva (2014, pp. 16 -17).



que contrapõe o corporal ao espiritual, e, em seguida, identifica "eu" com o espiritual. A mesma contraposição permanece na teologia cristã que insiste na superioridade da alma sobre o corpo e se destaca no famoso cogito cartesiano "penso, logo existo". Dessa maneira, é fácil entender a negligência do corpo nas obras literárias que procuram interpretar o si mesmo, assim como a pesquisadora alega (p. 293-294):

The corporeal functions as the binary opposite by which the spiritual is understood; the corporeal remains necessary to the spiritual at the same time that it must necessarily be transcended in philosophy and repressed in representation. Within this paradigm, the tradition of autobiography, like many narratives of western cultures, has established access to public discourse about the self as synonymous with spiritual quest and has consequently repressed representations of bodies within the genre.

Tirando as poucas exceções que Porter e Neuman tratam nos seus trabalhos, o crítico estadunidense Paul John Eakin (1992) argumenta que, embora o corpo seja tradicionalmente ignorado pelos autobiógrafos, surge na segunda metade do século XX um subgênero da autobiografia, que focaliza a doença e recuperação do narrador protagonista e, por consequência, dá importância ao corpo sofrido, incompetente e até incompleto.

Quem contribuiu mais para os estudos dessa área é Oliver Sacks, médico e escritor anglo-americano. Levantando a chamada "identidade neurológica", Oliver Sacks (1997, p. 166) propõe uma "fisiologia proustiana, muito superior à mecânica", que não separa corpo de alma, "coisa" de "eu", mas enfatiza a vinculação entre nervo e personalidade, corpo e existência. Até grande ponto, essa ideia originou-se da sua própria experiência. Na obra autobiográfica *Com uma perna só*, Sacks (2003) narra um acidente que quebrou sua perna esquerda e o processo da sua recuperação. Depois da cirurgia, não sentiu mais a perna quebrada e até "esqueceu" dela. Foi esse "desaparecimento psiconeurológico" que o fez pensar, pela primeira vez, a partir do



ponto de vista do paciente em vez do médico, como o mau funcionamento físico pode afetar a identidade de uma pessoa:

Sentia-me inconcebivelmente desvinculado da pessoa que havia andado, corrido, e escalado apenas cinco dias antes. Existia tão somente uma continuidade formal entre nós. Havia um abismo – um abismo absoluto – separando o então e o agora; e nesse abismo, no vácuo, o antigo “eu” tinha sumido – o “eu” capaz de ficar em pé, correr e andar sem pensar, que era totalmente e irrefletidamente seguro de seu corpo, incapaz de conceber como seria possível surgirem dúvidas a respeito dele. (p. 74)

Confessando que “quando me senti fisicamente impotente, imóvel, confinado, me senti moralmente impotente, paralisado, contraído, confinado” (p. 136-137), Oliver Sacks demonstra explicitamente que o corpo é uma parte indispensável para a auto-integridade, pois é através das sensações físicas e primitivas que se fundamenta o senso mais básico do si mesmo.

Corpo nas escritas de Graciliano Ramos

Sendo um escritor “singular entre os chamados ‘romancistas do Nordeste’” (CÂNDIDO, 1992, p. 7), Graciliano Ramos coloca sempre o “eu” nas suas obras, seja nas mais existenciais como *Angústia*, seja nas mais sociais como *Vidas Secas*, sem esquecer dos dois livros de memórias (*Memórias do Cárcere* e *Viagem*) e a autobiografia *Infância*. Para representar as diferentes facetas do si mesmo, Graciliano Ramos nunca ignorou a importância do corpo.

Nos contos “Paulo” e “O Relógio do Hospital”, o escritor alagoano antecipou o caminho que Oliver Sacks indicaria nos anos 80, ilustrando como a doença física pode afetar o estado mental e mudar o autoconhecimento. Ambos os contos foram baseados nas experiências do próprio escritor quando, com febre e dores na perna direita, ele foi diagnosticado com “psoíte (inflamação do músculo na região ilíaca)” e “operado para extrair o abscesso que se formara” (MORAES, 2012, p. 86). Como o problema estava



no lado direito do corpo, o narrador de “Paulo” sentiu-se dividido em duas partes, considerando a parte sã como “eu” e a parte doente como “Paulo”, uma figura maliciosa que atormentou o protagonista. Em “o relógio do hospital”, o escritor também descreve essa sensação de alienação do próprio corpo, revelando que: “Olho o corpo magro estirado no colchão duro e parece -me que os ossos agudos, os músculos frouxos e reduzidos não me pertencem” (RAMOS, 1971, p. 49).

Ademais, em *Memórias do Cárcere* Graciliano Ramos muda o foco para o corpo confinado e torturado. Ele registra minuciosamente a sua transformação física dentro da prisão, desde a perda da vontade de comer, a magreza, até a ausência do desejo sexual, o envelhecimento. Embora descreva os sofrimentos corporais, Graciliano não focaliza a violência aplicada ao corpo dos prisioneiros, prefere refletir o processo de despersonalização na prisão, utilizando o enfraquecimento do corpo como um sinal da degeneração do espírito. Por outro lado, a evocação e a narração dessa experiência ajudam-lhe a ultrapassar o trauma, salvaguardando a integridade do si mesmo. Quanto a isso, assinalam-se os trabalhos de Silviano Santiago e Wander Melo Miranda. No diário ficcional *Em Liberdade*, Silviano Santiago aponta que os sentidos orgânicos, as necessidades físicas são provas da sobrevivência da identidade individual de trauma, enquanto em *Corpos Escritos* (2009, p. 149) Wander Melo Miranda afirma que “nas memórias de Graciliano, a integridade e a integração dos corpos e do corpo do próprio autor são favorecidas pelo distanciamento temporal que permite a reunião dos traços desintegrados e dispersos desses corpos”.

Corpo e identidade em *Infância*

Convém dizer que em *Infância* se pode encontrar os três tipos de corpos apresentados acima, nomeadamente o torturado, o confinado e o doente. Na verdade, a observação de que “o corpo pode ser visto simultaneamente e contraditoriamente como lugar onde se inscreve a repressão e lugar de resistência a essa mesma repressão”



(MIRANDA, 2009, p. 149) não só se aplica em *Memórias do Cárcere*, mas também serve para analisar *Infância*, pois a violência que o Graciliano menino sofreu é um tema muito importante dessa autobiografia. Além disso, a disfunção do corpo também é um tema bem tratado em *Infância*, considerando que, ao relatar a sua cegueira temporária, Graciliano Ramos, além de registrar as dores que sentiu e os sons que ouviu na escuridão, ainda focaliza a ligação entre o seu estado de cegueira e a alcunha que a mãe lhe deu: cabra-cega. Quando estava cega, Graciliano menino não só sofreu pela perda de visão, mas também pela sua inferioridade por ser “doente”, assim como o escritor confessa no livro: “Sofria duplamente os efeitos dela” (2012, p. 145). Em outras palavras, é certo dizer que a sua identidade também mudou por causa da doença: quando não viu nada, ele se considerou como “cabra-cega”, ao passo que, com a recuperação da visão, livrou-se do nome sujo.

Ao lado dos temas comuns sobre o corpo, o que vale mais ressaltar em *Infância* é a relação entre a exploração do mundo pela criança e o próprio tamanho de corpo da criança. Como é natural para todas as pessoas usarem intuitivamente o próprio tamanho como a referência de medida (especialmente para as crianças pequenas que não sabem usar instrumentos medidores nem conhecem unidades de medida), nos olhos das crianças, todas as coisas parecem maiores do que vistas pelos adultos. Com esse “efeito de lupa” da perspectiva infantil, que metamorfoseia os insetos mesquinhos nas figuras importantes da infância, as crianças sempre prestam enorme atenção às coisinhas insignificantes. Ademais, como as crianças pequenas são muito mais baixas do que os adultos, elas têm um ângulo de observação diferente e veem o mundo de uma forma distinta. Aí sob o prisma pueril, montículos tornam-se montanhas, córregos transfiguram-se em rios extensos e arbustos transformam-se em árvores altas.

Graciliano Ramos está muito consciente de que o mundo se apresenta de outra forma nos olhos infantis e busca reproduzir as imagens vistas pela criança bem como as



sensações causadas pelas imagens. Com esse objetivo, ele introduz a primeira descrição do espaço:

Achava-me numa vasta sala, de paredes sujas. Com certeza não era vasta, como presumi: visitei outras semelhantes, bem mesquinhas. Contudo pareceu-me enorme. Defronte alargava-se pátio, enorme também, e no fim do pátio cresciam árvores enormes. (2012, p.10)

Neste trecho pequeno, Graciliano Ramos repete por três vezes o adjetivo “enorme”, que é efetivamente a palavra-chave das primeiras impressões da criança diante o mundo desconhecido. Em *Infância* pode-se ver várias descrições desse tipo: “alguém escorregou, abriu no chão um risco *profundo*”, “o degrau que me separava do terreiro era *alto demais* para as minhas pernas”, “o pátio (...) era *imenso*, julgo que não me atreveria a percorrê-lo” e “homens cavavam o chão, um buraco se abria, medonho, *precipício* que me encolhia apavorado entre *montanhas* erguidas nas bordas” (pp. 11, 14, grifos meus), etc.. É interessante indicar que, com a exceção da primeira descrição em que se inclui esclarecimento da divergência entre a realidade “medida” pelo adulto e o mundo “sentido” pela criança, nos demais casos as sensações da criança são tratadas como a única verdade da infância, ou seja, o tamanho de corpo é considerado um critério mais válido do que as unidades “oficiais” de medida.

Outro ponto importante em *Infância* é a representação da mudança natural do corpo, nomeadamente o crescimento, o emagrecimento e, o mais importante, o despertar da sexualidade. Talvez seja desnecessário dizer que puberdade e sexualidade são temas recorrentes nas autobiografias. Porém, em vez de recordar explicitamente o que aconteceu na passagem da criança para a adolescência com palavras precisas e científicas, Graciliano Ramos prefere a deixar o corpo “falar”, uma vez que, quando a transição começou, a criança -adolescente só sentia a inquietude e estranheza do corpo, mas não sabia o que isso significava. Nesse sentido, focalizar os sentidos corporais ajuda a representar um ponto de vista tipicamente infantil:



Aos onze anos experimentei grave desarranjo. (...) Examinei-me, supus que tinha no peito dois tumores. Nasceram-me pelos, emagreci – e nos banhos coletivos do Parã envergonhei -me da nudez. Era como se meu corpo se tivesse tornado impuro e feio de repente. Percebi nele vagas exigências, alarmei -me, pela primeira vez me comparei aos homens que se lavavam no rio. (p. 261)

É claro que os “sintomas” referidos são sinais da puberdade, mas naquele momento o menino Graciliano até não sabia que os pelos, a magreza eram transformações normais no início da adolescência, mas julgava-as como indicações de alguma doença que precisava ser curada: “Desejei avisar a família, consultar o dr. Mota, cair de cama” (ibid.).

Apesar de que, por meio dos “pedaços de conversas, lembranças de leituras” o menino percebia pouco a pouco o que estava acontecendo, a inquietação ainda aumentava, pois, no mesmo período que começou a ter noção da sexualidade, o menino Graciliano encontrou seu primeiro amor, “Laura”, e precisou de enfrentar a tentação do corpo dela. Na verdade, o menino Graciliano resistiu a tornar Laura um objeto do desejo. Só que, por mais que se esforçou para mantê-la como uma beleza inocente e lírica, não conseguiu conter completamente o impulso sexual noturno. Para afastar as ideias lascivas, ele tentou imaginar Laura como um ser sem corpo, pelo menos sem corpo carnal:

Certo não existia alma em Laura; indignava -me, porém, reduzi -la a um organismo sujeito às exigências comuns. Livrei -me do apuro fluidificando-a. Perisprito, o perisprito a que dr. Moa se referia com segurança. Ninguém pode abraçar um perisprito. Enfim evitava pensamentos: recorria a um meio de justificar a estranha glorificação. (p. 265)

Contudo, a contenção do desejo carnal fracassou em livrar o menino das angústias da puberdade. Nos devaneios noturnos, “Laura” aparecia em carne e osso, abraçando -o com firmeza. O menino pensava que perdeu as qualidades anteriores da



criança e se responsabilizou por essa medonha mudança. Devido às visões sensuais na noite, ele até tinha nojo de si mesmo e se sentiu “sujo, precisando água e sabão” (p. 265). Então, vemos aqui mais uma vez a imagem do corpo, tendo a impressão de que, enquanto o corpo estava sujo, a alma também estava suja.

Conclusão:

Por meio das análises acima, pode-se ver que o corpo é sempre valorizado por Graciliano Ramos, seja nos livros ficcionais, seja nas obras memorialistas. Ao mesmo tempo que utiliza o corpo torturado e confinado para fazer denúncias sociais, o romancista alagoano também salienta a importância das sensações corporais na representação de uma identidade individual.

À vista disso, não é surpreendente que, em vez de focar o *cogito* cartesiano e o raciocínio para comprovar a sua identidade, Graciliano Ramos preste mais atenção ao próprio corpo, considerando -o como um meio de conhecer o mundo e de testemunhar a continuidade bem como a transformação do si mesmo. Assim, se nas autobiografias convencionais o corpo é um elemento relativamente insignificante, desempenha sem dúvida um papel indispensável em *Infância* e torna-a uma autobiografia excepcional e extraordinária.

Referências:

CÂNDIDO, A. *Ficção e Confissão: Ensaio sobre Graciliano Ramos*, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

EAKIN, P. J. *Touching the world: Reference in autobiography*. New Jersey: Princeton University Press, 1992.

MORAES, D. *O Velho Graça*, São Paulo: Boitempo, 2012.



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

NEUMAN, S. “An appearance walking in a forest the sexes burn”: Autobiography and the Construction of the Feminine Body. In: ASHLEY, K. M.; GILMORE, L.; PETERS, G. (org.). *Autobiography & Postmodernism*. Boston: The University of Massachusetts Press, 1994. p. 293-316.

PORTER, R. J. Figuration and Disfigurement: Herculine Barbin and the Autobiography of the Body. *Prose Studies* Vol. 14 , Iss. 2, p. 122-136, 1991.

RAMOS, G. *Infância* . Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. *Insônia* . São Paulo: Martins, 1971.

SACKS, O. *Com uma perna só*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

_____. *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu* . São Paulo: Companhia das letras, 1997.

SANTIAGO, S. *Em liberdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

MIRANDA, W. M. *Corpos escritos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.